

ENTREVISTA

Bárbara no Mercado

Lúcia Tavares Leiro <https://orcid.org/0000-0002-3436-7092>

A autora é professora de literatura da UNEB há mais de 25 anos. Estreia na ficção com o livro *Bárbara no Mercado*, uma publicação infantojuvenil independente lançada em 2017 em Salvador, Bahia.

Entrevistadora: Evellyn Damasceno, estudante do 4º semestre do curso de Pedagogia da UNEB, Campus I.

Entrevistada: a autora.

1. O que te inspirou a escrever a obra literária *Bárbara no Mercado*?

Há muitas razões. Uma delas é a de que o espaço, que existe em Salvador, no bairro da Baixa dos Sapateiros, possui uma fachada tão singular que me inspirou a escrever uma história, utópica, mas que eu gostaria que acontecesse. Ademais, carecemos de literatura infantojuvenil com alguma originalidade que verse sobre a cultura baiana e, sem dúvida, a nossa está entrelaçada com diferentes matrizes. Na festa de Santa Bárbara, por exemplo, é impossível separar as diferentes matrizes religiosas. Enfim, a cultura baiana me inspirou.

2. Qual a mensagem que pretende transmitir para os leitores?

De que Salvador tem uma história muito bonita que se passa em cada canto da cidade. Basta olhar com carinho para que nos encantemos. A sua arquitetura nos comunica, suas ruas, suas festas, suas histórias, seus rituais cotidianos. Com o livro *Bárbara no Mercado* é possível estabelecer uma ponte entre o leitor baiano (mas acredito que o brasileiro, em geral) e a narrativa.

3. *Bárbara no Mercado* é um livro que dialoga com muitas questões sociais, dentre elas estão: a ancestralidade, o empoderamento feminino e a sensação

de pertencimento a partir de narrativas afro-brasileiras. Como você enxerga a relação entre as discussões relacionadas à história e cultura afro-brasileira e a educação na contemporaneidade?

Verdade. É um livro que equilibra elementos de criação literária, ao tomar o espaço, o Mercado, como lugar real e psicológico, bem como os aspectos ancestrais. Eu enxergo a discussão cultural, pelo viés da ancestralidade, um conceito que me interessa mais porque permite uma maior conectividade entre pessoas de épocas diferentes unidas pela memória. Por meio deste conceito, por exemplo, podemos iniciar na escola atividades que mostrem às crianças a importância de conhecer o passado, para entender o presente e pensar o futuro. Da importância da memória, de escutar os mais velhos, de mostrar valores e rituais que unem gerações e fortalecem o caráter das crianças, além de dar função ao velho. Do ponto de vista pedagógico, a ancestralidade redimensiona o sentido da escola, da educação e da relação entre a escola e a família.

4. O uso da 3ª pessoa discursiva escrito no livro, de alguma forma, foi uma escolha deliberada para que o leitor consiga compreender os pensamentos, as ações e os estados emocionais dos personagens com maior veemência?

A escolha pela terceira pessoa foi sem intenção. Simplesmente saiu... mas a terceira pessoa tem um efeito na ficção de narrador-observador, aquele que se posiciona à distância e pode interferir na realidade, alterar a situação, como ocorreu com Bárbara que, ao observar Luna, tomou a iniciativa de convidá-la a sentar-se à mesa. A terceira pessoa, apesar de ser colocada como um observador, pode ser cúmplice das ações ou, ainda, ser empática com as personagens, diminuindo a distância entre eles.

5. A viagem de autodescoberta de uma das personagens principais, Bárbara, foi pensada com o objetivo de retomar o equilíbrio de pessoas que, porventura, querem/necessitam se reconectarem com a tradição de seus ancestrais e com o que representam no presente? Quais outras mensagens desejam passar por meio de outras personagens, como Luna e Helena?

Você tocou no ponto principal: enlaçar o saber, a ancestralidade e o autoconhecimento. O saber ancestral costura o ser, tudo o que constitui o sujeito passa pelo conhecimento que se atualiza e amplia com os conhecimentos científicos. Os dois não são excludentes e isso aparece na narrativa ao apresentar Luna como uma estudante de Letras e, também, quando insiro o uso da tecnologia. Em se tratando da personagem Helena quase criei outro núcleo narrativo, mas não estendi, mesmo assim deu para introduzir uma questão muito séria nos nossos dias que diz respeito à violência contra as mulheres. O agressor foi retirado do ambiente pelos homens e, assim, impedido de cometer um ato brutal.

6. A referência temporal da obra tem como momento o dia 4 de dezembro, oficialmente conhecido pelas igrejas ortodoxas, católicas, anglicanas e as religiões de matrizes afro-brasileiras, como o Dia de Santa Bárbara. Qual a relação entre o Mercado de Santa Bárbara, localizado na Baixa dos Sapateiros e a divindade afro-brasileira lansã, a senhora das tempestades e ventanias?

Dentro do mercado há uma imagem de Santa Bárbara, no entanto, sabemos que em Salvador, devido ao sincretismo, que tem razões históricas, associou-se Santa Bárbara à lansã. Quando lemos sobre a vida de Bárbara de Nicomédia, sabemos o porquê dessa aproximação, porém, mas importante que isso é discutir a presença das religiões na vida dos baianos e o papel delas na vida e na sobrevivência de cada um.

7. Qual a importância do conceito de "tempo" e "espaço" na sua obra, em termos acadêmicos e socioculturais?

Eu como sou da área de Letras somente posso falar do tempo e espaço literário. O espaço principal e onde ocorre a ficção é o Mercado e as ações se desenvolvem no dia 04 de dezembro. Espaço, tempo e personagens estão em completa harmonia, utópica talvez, mas em se tratando de literatura é usual a ficcionalização

de um devir. Há um mundo, uma civilização, metaforicamente apresentada na narrativa que, apesar de curta, traz matizes interessantes próprias de uma sociedade complexa.

8. De que maneira o seu livro se relaciona com as questões identitárias e desconstrutivas de estereótipos culturais da comunidade afro-brasileira? Possui alguma alusão política ao contexto sociocultural dos cidadãos citados?

Quando pensei em escrever o livro, tinha em mente criar uma história que se passasse no Mercado de Santa Bárbara, assim chamado. O próprio candomblé, que é referido no texto, aparece de maneira respeitosa, como uma prática religiosa formativa da sociedade brasileira. Em se tratando da questão política, acredito que as personagens sejam politizadas, conhecem a sua história, se interessam uns pelos outros, ainda que as pessoas sejam oriundas de outro país, como é o caso de Alan, um francês que participava também da festa. Quando terminei de escrever o livro me dei conta de que o Mercado era uma metonímia do Brasil, multicultural, mas que ainda precisa se ver e se entender desta forma.